

uma nova forma de evangelizar

o papa apresenta o coração do seu pontificado e transmite-nos, na sua linguagem simples e direta, a grande mensagem do ANO SANTO DA MISERICÓRDIA.



**o nome de Deus é Misericórdia,
novo livro-entrevista com o Papa Francisco**

Há poucos dias, a editora italiana Piemme anunciou, para o mês de janeiro, juntamente com a Feira do Livro de Frankfurt, a publicação do livro-entrevista com o Papa Francisco de ANDREA TORNIELLI, perito em assuntos do Vaticano, e coordenador do sítio *Vatican Insider*.

A reportagem é de FRANCESCO GAGLIANO e LUIS BADILLA, e vem publicada no sítio *Il Sismografo*, 29-10-2015. (30.10.2015).

TORNIELLI, a quem o sítio *Il Sismografo* fez algumas perguntas sobre o livro, intitulado *IL NOME DI DIO È MISERICORDIA*, destaca o seguinte: o papa **"apresenta o coração do seu pontificado e transmite-nos, na sua linguagem simples e direta, a grande mensagem do Ano Santo da Misericórdia"**.

Eis a entrevista.

Em janeiro, o seu livro será publicado em diversas línguas, um livro-entrevista nascido de conversas tidas com o papa Francisco. O seu título é muito significativo e desafiador: O NOME DE DEUS É MISERICÓRDIA. Como nasceu este projeto e qual era o seu propósito?

Sempre fiquei impressionado com a importância central desta mensagem para o papa Francisco. Começando por aquela primeira missa com o povo na paróquia de Sant'Anna, no domingo, 17 de março de 2013, quando, na homilia feita de improviso, ao comentar o Evangelho que fala da adúltera salva e perdoada por Jesus, o papa disse: "A misericórdia é a mensagem mais importante de Jesus". Assim, enquanto assistia ao momento em que Francisco anunciava o Jubileu da Misericórdia, pensei para comigo que seria bom fazer-lhe algumas perguntas sobre o tema, tentando penetrar no seu coração, e compreender qual a origem dessa sua abordagem e desse seu olhar.

Obviamente, o livro que sairá algumas semanas após a abertura do ANO JUBILAR DA MISERICÓRDIA, surge, precisamente, focado nos conteúdos desse Ano Santo. Há alguns dias atrás o senhor afirmou: o papa fala "para todas as almas, dentro e fora da Igreja". No Ano Jubilar, que poderá Francisco dizer às pessoas que pertencem a povos, culturas e tradições não cristãs? Onde está, por assim dizer, o "gancho" para estabelecer o contacto?

Neste nosso mundo, há uma grande necessidade de misericórdia e de perdão. "*Não há paz sem justiça, não há justiça sem perdão*", escrevia João Paulo II na mensagem para o Dia Mundial da Paz, publicada logo após os atentados do 11 de setembro de 2001. Portanto, o perdão também tem um valor social, público, e mesmo até, internacional. Mas acho que a mensagem da misericórdia fala a todas as almas, porque todos, sem excluir ninguém, precisamos de nos sentir verdadeiramente amados, escutados, acolhidos tal como somos. E é neste abraço de misericórdia que nos descobrimos limitados, pequenos, necessitados de perdão. É costume dizer, e com razão, que hoje se perdeu o sentido do pecado.

Eu acrescentaria que também se perdeu a esperança de podermos recomeçar, de podermos, a qualquer momento, ser seguros pelos cabelos e salvos. É esta a grande mensagem cristã que o papa faz ecoar para além de todas as fronteiras e barreiras: existe um Deus que te quer bem, que te espera, que te vem buscar para te abraçar.

Após as conversas que teve com o papa, ficou com alguma ideia da razão pela qual ele colocou a misericórdia de Deus no âmago do seu pontificado? Em sua opinião, que relação estabelece o papa entre o amor de Deus pelas suas criaturas e os inúmeros sofrimentos e dilacerações desses seus filhos?

A resposta à primeira pergunta foi dada pelo papa Francisco no primeiro *Angelus*, naquele domingo, 17 de março de 2013, ao citar o caso da velhinha que se lhe tinha vindo confessar, quando bispo auxiliar de Buenos Aires. Aquela senhora idosa tinha dado ao futuro papa uma grande lição de teologia, fruto da fé dos simples, daquele *sensus fidei* que o povo de Deus tem, e que Francisco também citou no memorável discurso, aquando do 50º aniversário do Sínodo: **"Se o Senhor não perdoasse, o mundo não existiria"**. Sem a misericórdia de Deus, o mundo não se aguentaria de pé. Quanto à segunda pergunta: acho que, se realmente fizermos a experiência do amor de Deus na nossa vida, se experimentarmos a sua misericórdia e o seu perdão, não ficaremos indiferentes perante os sofrimentos de todos os outros seres humanos. Penso na Madre Teresa de Calcutá, e em como o seu rosto, cheio de rugas, representou o sorriso e a proximidade de Deus para tantos "últimos", para tantos abandonados, para tantos pobres.

Nessa troca de amores entre o Pai e os Seus filhos, que Ele criou por amor gratuito, que lugar ocupa a Igreja hoje e amanhã, e especialmente que tipo de Igreja?

A Igreja, isto é, o povo de Deus existe para levar a todos esse anúncio de amor, de proximidade, de esperança e de redenção. Ela anuncia a vitória sobre a morte, de um Deus que se fez homem e se aniquilou a si mesmo, sofrendo o mais infame dos patíbulo, para salvar cada um de nós. E o cristianismo difundiu-se, graças ao testemunho passado de pessoa a pessoa. Sobre a questão de qual tipo de igreja, não sou capaz de responder. Em vez de qual tipo ou forma de igreja, eu falaria antes de qual "rosto": o rosto da misericórdia, da proximidade, do acompanhamento, da ternura, do encontro, do derrube de todas as barreiras, esquemas e preconceitos. Jesus, nos Evangelhos, não se dirigia às multidões para anunciar doutrinas, simplesmente. Falava de Deus, do seu Reino e da sua misericórdia, entrando em contacto com as pessoas, com os seus corações. Comovia-se com os seus dramas, não ficava indiferente. O Deus cristão tem o rosto de Jesus, que por nós se comove "até às entranhas". Parece-me que é esse o rosto autêntico da Igreja. Acho que é isso que significa evangelizar. (())

do infiel devoto à prostituta forçada: historietas papais à volta da misericórdia.

O livro-entrevista com o papa Francisco é uma amostra exemplar da espiritualidade de Bergoglio: a vida é uma guerra, há muitos feridos, a Igreja é um hospital de campanha, os seus ministros devem agir como médicos e enfermeiros. A misericórdia de que o papa fala surge-nos, portanto, como uma operação estritamente eclesialística.

A opinião é do teólogo italiano VITO MANCUSO, professor da Universidade de Pádua, em artigo publicado no jornal *La Repubblica*, de 10-01-2016.

Não se deve pedir a este livro-entrevista do papa Francisco com ANDREA TORNIELLI, de cujas cento e vinte páginas impressas, mais de um terço são brancas ou ocupadas com instrumentos redaccionais, aquilo que ele não pode dar. O que o livro pode dar, e que efetivamente dá, é a sabedoria vivida de um homem de Deus que crê, profundamente, no Evangelho e na sua capacidade de renovar a vida. Desta sua longa experiência, o papa retira uma série de casos curiosos, uns mais engraçados do que outros, sempre contados com graça e delicadeza.

Desde a velhinha argentina, que diz que Deus perdoa sempre, porque, senão, o mundo não existiria; a mulher solteira que, para manter os filhos, se prostitui, e que fica muito grata por, mesmo assim, a tratarem por "senhora"; o homem devoto que não perde uma missa sequer, mas que mantém uma relação com a empregada, com a justificação de que as empregadas domésticas também existem para isso mesmo; a mulher que não se confessa desde os treze anos de idade, por na altura o padre lhe ter perguntado onde é que ela metia as mãos enquanto dormia; a senhora à qual são pedidos, logo de entrada, cinco mil dólares para o processo de anulação do casamento; até à garota que, no prostíbulo, encontra o homem com quem, possivelmente, irá casar e que, em paga, promete ir em peregrinação; e outros exemplos vivos de uma humanidade muito concreta.

Toda a sequência do livro é marcada pela experiência do pecado, à qual o papa dá uma importância decisiva, tornando-a quase uma condição indispensável da experiência espiritual: se o nome de Deus, de fato, é misericórdia, só quem precisa de misericórdia, isto é, o pecador a pode encontrar.

O pecado, considerado, a partir do pecado original, **"algo que, realmente, aconteceu nas origens da humanidade"** (p. 58), funciona, portanto, como um pré-sacramento paradoxal. Por isso, aqueles que não têm remorso de ter pecado, são o verdadeiro alvo polémico, a quem o papa chega, mesmo, a desejar que pequem: **"Seria bom que algumas pessoas demasiado rígidas sofressem um**

deslize nas suas vidas, pois deste modo, reconhecendo-se pecadoras, encontrariam a Jesus" (p. 82).

Outro assunto objeto de prolongada atenção por parte do livro é o sacramento da confissão, que, para o papa, é o lugar concreto para se encontrar a misericórdia de Deus, e a respeito do qual ele não deixa de dar conselhos aos confessores.

O livro é uma amostra exemplar da espiritualidade de Bergoglio: a vida é uma guerra, há muitos feridos, a Igreja é um hospital de campanha, os seus ministros devem agir como médicos e enfermeiros. A misericórdia de que o papa fala surge-nos, portanto, como uma operação estritamente eclesial.

Até mesmo o seu Deus é o da mais tradicional doutrina católica, baseada no nexo entre pecado original e redenção por meio do sacrifício: **"O Pai sacrificou o seu Filho"**.

Vejam, agora, o que não se pode pedir ao livro, por ele o não poder dar. Não se deve, nem mesmo, apenas, como menção, exigir a discussão das questões filosóficas e teológicas capitais, subjacentes ao assunto tratado. Quanto à dimensão filosófica, a questão do pecado e do seu perdão remete-nos para a relação entre consciência, liberdade e juízo moral.

E as perguntas que surgem, oriundas do contexto contemporâneo, são: a consciência existe, realmente? Somos verdadeiramente livres e, portanto, responsáveis pelo bem e pelo mal cometidos? O bem e o mal existem como algo objetivo, ou trata-se, apenas, de convenções culturais, que o homem mais evoluído pode superar, indo para **"além do bem e do mal"**?

Quanto à teologia, a principal questão diz respeito à relação entre graça e liberdade: a misericórdia de Deus dá-se de forma totalmente gratuita ou, para a tornar eficaz, é necessário um primeiro passo do homem? A doutrina eclesial condenou como herética (definindo-a, especificamente, como semipelagiana) a perspectiva segundo a qual a misericórdia divina depende de um primeiro e pequeno passo do homem. Essa é, porém, exatamente, a tese defendida várias vezes pelo papa (nas páginas 15, 50 e 72), alinhando com a tradição da teologia jesuítica que, entre o fim do século XVI e o início do XVII, desencadeou uma violenta e não concluída polémica com os dominicanos mais tradicionais, chamada *controversia de auxiliis*.

Depois, há a questão da vida futura: se a misericórdia é, realmente, o nome de Deus, como justificar a condenação eterna ao inferno? Mesmo que fosse destinada, apenas, a uns poucos, ou até somente ao anjo decaído que se transformou no Diabo, a existência do inferno eterno torna aporética a afirmação da misericórdia como nome de Deus. Se a tese do papa, como eu acredito, é verdadeira, ela impõe, logicamente, a doutrina chamada "apocatástase", ou seja, o perdão final para todos. Esta foi, ao longo da história, defendida por grandes teólogos, mas, infelizmente, continua sendo herética para a doutrina oficial da Igreja.

Estas questões não devem ser postas a publicações ocasionais como esta, mas penso que devem ser feitas, isso sim, ao papa e à sua sabedoria.



FRANCISCO

O nome
de Deus
é Misericórdia

EM CONVERSAS COM
ANDREA TORNIELLI

Planeta

O NOME DE DEUS É MISERICÓRDIA

Sinopse:

A Igreja não está no mundo para condenar mas para permitir o encontro com aquele amor visceral que é a misericórdia de Deus. Para que isso suceda, é necessário sair. Sair das igrejas e das paróquias. Sair e ir procurar as pessoas ali mesmo onde vivem, onde sofrem, onde esperam.

“A misericórdia é o primeiro atributo de Deus. É o nome de Deus. Não há situações das quais não possamos sair. Não estamos condenados a afundar-nos em areias movediças.”

Com palavras simples e diretas, o Papa Francisco dirige-se a cada homem e a cada mulher do planeta estabelecendo um diálogo íntimo e pessoal. No centro deste seu livro, encontra-se o tema que mais interessa, a misericórdia, desde sempre eixo fundamental do seu testemunho e agora do seu pontificado. Em cada página vibra o desejo de chegar a todas aquelas almas, dentro e fora da Igreja, que procuram dar um sentido à vida, um caminho de paz e de reconciliação, uma cura para as feridas físicas e espirituais. Em primeiro lugar, está essa humanidade inquieta e doente que pede para ser acolhida e não repelida: os pobres e os marginalizados, os presos e as prostitutas, mas também os desorientados e os que vivem afastados da fé, os homossexuais e os divorciados.

Em conversa com o vaticanista ANDREA TORNIELLI, Francisco explica, através de recordações de juventude e episódios relacionados com a sua experiência como pastor, as razões dum Ano Santo extraordinário que tão intensamente desejou. Sem ignorar as questões éticas e teológicas, realça que a Igreja não pode fechar a porta a ninguém; pelo contrário, a sua tarefa é entrar nas consciências para abrir fendas na hora de assumir responsabilidades e rejeitar o mal realizado.

No clima franco da conversa, Francisco também não se inibe de encarar o vínculo da relação entre misericórdia, justiça e corrupção.

E aos cristãos que se colocam a si mesmos na fila dos “justos”, recorda-lhes: *“Também o papa é um homem que necessita da misericórdia de Deus”*.

O NOME DE DEUS É MISERICÓRDIA publica-se, a nível mundial, em 82 países.

flash conciliar 56



Nem herético nem cismático

NA PREPARAÇÃO DO CONCÍLIO, falou-se muitas vezes em admitir leigos nas comissões preparatórias, especialmente na do “apostolado dos leigos”. Mesmo assim, quando o Concílio abriu, nem um sequer foi admitido na aula conciliar. Justificada ou não, esta decisão parecia contraditória, num tempo em que se acreditava ser necessário reconhecer o lugar dos leigos na Igreja.

Mas, em 19 de Novembro de 1962, o Papa João XXIII abriu a porta a Jean Guitton, um cristão filósofo e escritor francês muito conhecido, membro da Academia Francesa, autorizando-o a que assistisse, como observador às congregações gerais do Concílio. Encontrou lá dentro homens como o Cardeal Tisserant, membro como ele da Academia Francesa, o Cardeal Mercier, bispo de Bruxelas, com quem tinha falado já muito de ecumenismo, e até com um colega de profissão, professor como ele na Sorbonne, e protestante, Oscar Culmann.

Diziam os jornais no dia seguinte que já não era preciso ser *herético* ou *cismático* para se poder assistir ao Vaticano II!

(Fesquet – *O diário do Concílio*, I, p. 110)

É MESMO NECESSÁRIO

1.ª Edição



Serra do Pilar 2015 | 280 páginas | 10 €

Sei agora que, na vida das comunidades, a crise é um momento tão importante como a exaltação dos começos. Só que é também tempo de sofrimento tão intenso como os inícios o são de esperança.

Paulo já prevenira: “É mesmo necessário que haja divisões entre vós, para que se tornem conhecidos aqueles de vós que resistem a esta provação” (1 Cor 11, 19). Isto já eu o lera muitas vezes. Mas nunca o experimentara. Mas “o que não experimentaste não cuides que o sabes bem”, já dizia Sá de Miranda.

Os textos que seguem são sobretudo homilias, escritas ao correr de anos, num esforço de leitura de uma situação real, em que se tentou escutar “o que o Espírito dizia à Igreja” (Ap 2 e 3). Tudo começou em 1992, como segue. Inesperadamente, a Comunidade foi confrontada com uma situação de todo nova e exaltante. Mas o desafio da novidade calou o primeiro alerta. E, pouco a pouco, os velhos sintomas vieram ao de cima com violência redobrada. Não foi fácil nem rápido – incapacidades humanas – ler a situação e dar-lhe resposta. Com o tempo a rodar, quase se não evitava o desastre. Uma vez, há muitos anos, a sacudir uma vespa de dentro do meu 4L, acabei estampado no carro que me precedia.

São textos doloridos e tateantes, estes. Mas verdadeiros. Tendo sempre presente a citação de Edgar Morin:

“A crise pode resolver-se no regresso ao estado anterior à própria crise, mas o que é próprio de um sistema híper complexo em crise é desencadear soluções no que podem ser imaginárias, mitológicas ou mágicas, como, pelo contrário, práticas e criativas. (...) Deste modo, a crise é potencialmente geradora de ilusões e/ou de atividades inventivas. Duma maneira mais geral, a crise pode ser fonte de progresso e/ou de regressão. O homem, tecido de contradições, é portanto um animal crísico; é, ao mesmo tempo, a fonte dos seus falhanços, dos seus sucessos, das suas invenções e da sua neurose fundamental”.

Partilhar é uma lei fundamental para o cristão. Aí fica tudo, sem nomes nem factos. Mas com verdade.

Arlindo de Magalhães